



Sobre Naturalismos, Resistências Humanistas e a possibilidade de diálogo

Gabriel José Corrêa Mograbi¹ (UFMT)

Resumo: O artigo compreende três partes complementares. Na primeira, trata-se da obra metodológica de Émile Zola “Le Roman Expérimental” e da tessitura conceitual extremamente naturalista que a guia. Ainda nesta primeira parte, foca-se no tipo de resistência que tal obra teve por parte de Ortega y Gasset, escolhido aqui como o típico e, quiçá, caricatural pensador humanista, que repudia qualquer tipo de naturalismo. A segunda parte vai se debruçar sobre nosso tema principal: os estudos literários darwinistas e sua recepção negativa por alguns literatos. Comparações entre os projetos naturalistas do passado e do presente são feitas visando mostrar que: a) o projeto de Zola foi uma forma muito mais radical de naturalismo; b) Estudos evolutivos da literatura estão longe de ser reducionistas neste sentido radical do termo e c) o tipo de resistência dos atuais humanistas ao naturalismo é baseado em formas de corporativismo nas humanidades ou em medos irracionais.

A terceira parte, no entanto, busca mostrar algumas das verdadeiras limitações dos estudos evolutivos da literatura e oferecer uma pista do que seria agenda programática para a superação de pelo menos parte dessas fragilidades.

Palavras-chave: Naturalismo; Estudos Evolutivos Literários; Filosofia da Biologia.

Abstract: This paper has three complementary parts. The first, focus on the methodological work of Émile Zola “Le Roman Expérimental” and its extremely naturalist conceptual network. Also, it approaches the kind of resistance that such work has received from Ortega y Gasset, chosen here as the typical and perhaps caricatural humanist thinker who rejects any kind of naturalism. The second part addresses our main issue the so-called

“evolutionary studies of literature” and its negative reception by some literary scholars. Comparisons between past and present naturalist projects are made in order to show that a) Zola's project was a much more radical form of reductionism; b) evolutionary studies of literature are far from being reductionist in that radical sense of the term and c) the type of resistance of current humanist towards naturalism is mostly based on forms of departmental corporatism in humanities or irrational fears. The third part envisages showing part of the real limitations of evolutionary studies in literature and offers a hint of a programmatic agenda to overcome at, least, part of such fragilities.

Keywords: Naturalism; Evolutionary Studies of Literature; Philosophy of Biology.

Introdução

A edição especial que aqui se apresenta visa estudar a pertinência ou não de contatos intelectuais entre a literatura e áreas das ciências biológicas. Especialmente, um dos pontos centrais dessas relações ao quais ela se dedica a pensar é aquilo que, hoje em dia, tem sido alcunhado de “Estudos Evolutivos Literários”. O texto que aqui se inicia tem uma estrutura simples. Quer-se aqui entender que tipos de mal-entendidos e, principalmente, resistências ideológicas existem como impeditivos da possibilidade de diálogo entre literatura e tais visões evolutivas enquanto malha conceitual crítica para sua análise. A tensão entre “naturalistas” e “humanistas” não é nova na literatura. Assim, o viés de exploração das atuais tensões entre os partisans pró e contra o “Darwinismo Literário” será aqui comparada à radicalidade do naturalismo de Émile Zola (com seu livro-método-manifesto “*Le Roman Expérimental*”) e a radicalidade oposta da resposta “humanista” de Ortega y Gasset. Notar-se-á algumas similaridades entre as tensões passadas e presentes mas, principalmente, ressaltar-se-á notas distintivas fundamentais da peleja atual, fundada em questões mercadológicas e corporativas. Ao fim do artigo buscarei colocar um ponto nevrálgico que apresenta de maneira condensada uma limitação estrutural da crítica literária evolutiva e uma dica da agenda necessária para que tal projeto ganhe viabilidade.

Naturalismos e Resistências ontem

Émile Zola, em 1880, lança seu livro-manifesto “Le Roman Expérimental”. Mais que reconhecer publicamente que seu método literário é francamente inspirado em Claude Bernard, o literato copia e adapta trechos inteiros de “Introduction à l’Étude de la Médecine Expérimentale” publicado exatos 15 anos antes pelo fisiologista também francês, a quem reputa a fundação de um método no qual ele apenas se escorará e atrás do qual se entrincheirá. Zola copiará solenemente passagens amplas de Bernard, apenas trocando a palavra “médico” pelo termo “romancista” e o fará metodologicamente, no sentido original do termo, assumindo e descrevendo, metalinguisticamente, o objetivo de sua ação:

Je n'aurai à faire ici qu'un travail d'adaptation, car la méthode expérimentale a été établie avec une force et une clarté merveilleuses par Claude Bernard, dans son Introduction à l'étude de la médecine expérimentale (1865). Ce livre, d'un savant dont l'autorité est décisive, va me servir de base solide. Je trouverai là toute la question traitée, et je me bornerai, comme arguments irréfutables, à donner les citations qui me seront nécessaires. Ce ne sera donc qu'une compilation de textes; car je compte, sur tous les points, me retrancher derrière Claude Bernard. Le plus souvent, il me suffira de remplacer le mot "médecin" par le mot "romancier," pour rendre ma pensée claire et lui apporter la rigueur d'une vérité scientifique (ZOLA, 1880, pp.1-2).

Zola entende que, importando a seu método-livro-manifesto o tipo de tessitura conceitual prática, naturalista e experimental de um manual de medicina, alcançaria, no âmbito do romance, um rigor científico e uma clareza de pensamento nunca dantes vista no âmbito das humanidades. Mais que isso, não se trata de, simplesmente, usar a medicina como inspiração ou analogia para a uma teoria naturalista do romance. Há uma mera substituição do termo “médico” pela palavra “romancista”, em diversos trechos da obra, como se substituir métodos e *métiers* fosse tão simples quanto substituir palavras. Talvez, eu tenha repetido (pela terceira vez) essa informação, que já aparecera duas vezes no parágrafo anterior à citação, não por simplória redundância ou descuido, nem por um relevo cognitivo, uma repetição de algo importante a ser fixado na mente do leitor mas, sim, pela minha própria dificuldade cognitivo-emocional de aceitar a ousadia e o risco da *démarche* de Zola. Mesmo me autodefinindo como

um fisicalista e mesmo passados 134 anos nos quais a ciência e o reducionismo científico experimental caminharam a passos largos, os ouvidos mais naturalistas se chocam com a *chutzpá* do autor de *Germinal*. Lembremo-nos da estratégia de Zola e aceitemo-la: simplesmente substituir a palavra “médico” pela palavra “romancista” e importar o método médico experimental, sem mais, para o seio da teoria do Romance. Será que algum dos naturalistas atuais têm essa coragem, essa clareza metodológica, essa metalinguagem explícita e sincera que, às claras, explicita a sua estratégia controversa de peito aberto e afirmativamente? Não obstante eles são bem menos radicais e exagerados.

No campo do conservadorismo humanista temos também, no passado, resistências mais abertas e desveladamente empedernidas que as atuais, sem medo de se afirmarem metafísicas, francamente libertárias (no que concerne ao livre-arbítrio e criatividade) e dualistas:

Las ciencias naturales basadas en el determinismo habían conquistado durante los primeros lustros el campo de la biología. Darwin cree haber conseguido aprisionar lo vital – nuestra última esperanza – dentro de la necesidad física. La vida descende a no más que materia. El organismo que parecía una unidad independiente, capaz de obrar por sí mismo, es inserto en el medio físico, como una figura en un tapiz. Ya no es él quien se mueve sino el medio en él. Nuestras acciones no pasan de reacciones. No hay libertad, originalidad. Darwin barre los héroes de sobre el haz de la tierra. Vivir es adaptarse: adaptarse es dejar que el contorno material penetre en nosotros, nos desaloje de nosotros mismos. Llega la hora del “roman experimental”: Zola no aprende su poesía en Homero ni en Shakespeare, sino en Claudio(sic) Bernard (ORTEGA Y GASSET, 1995).

O primeiro livro de Ortega y Gasset, publicado em 1914 é uma ampla defesa conservadora dos princípios tradicionais do humanismo (mesmo que, talvez, às avessas) na filosofia e na literatura. A passagem aqui citada corresponde a trechos presentes nas duas últimas páginas de seu primeiro livro. Mas, na sequência, Ortega radicaliza ainda mais: nas últimas frases do texto, imbuído do mais puro “espírito de vingança” (no sentido Nietzscheano do termo), em vez de afirmar seu vitalismo ou sua visão de poesia ou literatura, descreve, com toda a tez pálida dos cadáveres, a morte da poesia. Após demonizar Zola, a bravata sobre Flaubert toma o seguinte fraseado: “*Una noche en el Père Lachaise Bouvard y Pécuchet enterran*

la poesia – en honor a la verosimilitud y al determinismo". Os últimos parágrafos podem ser tomados como um obituário da criação literária: o mandante: Zola; o assassino: Flaubert. De um lado, o naturalismo seco de Zola, abrupto e pouco detalhista com perfis psicológicos quase monolíticos, sua linguagem popular e quase coloquial, sua prosa rápida e direta; de outro, o realismo sofisticado do "mártir do estilo", sua obcecada busca pela palavra justa, pela precisão sintática e semântica, seu repúdio por assonâncias e busca por paranomásias, sua visão filosófica de que era viável chegar a representações biunívocas e formalmente perfeitas da realidade. Mas Ortega os joga em uma vala comum. Um defensor das teorias evolutivas na crítica literária poderia afirmar que além de imprecisa, a categorização de Ortega é simplesmente uma afirmação histórica do seu conservadorismo humanista, reativo e desesperado frente a qualquer compromisso formal e naturalista. Quem sabe, para alguns humanistas, um libelo do vitalismo e da metafísica contra os ímpios negadores da vida.

Julían Marías, discípulo de Ortega (e seu editor), faz questão de, por sua vez, lembrar via notas, as bravatas do "lado inimigo", os momentos mais radicais de Zola: "*Un même déterminisme doit régir la pierre dès chemins et le cerveau de l'homme*" e "*Le personnage y est devenu un produit de l'air et du sol, comme la plante; c'est la conception scientifique*". Nem Claude Bernard, com sua noção de *milieu intérieur*, defenderia a pedra e cérebro como determinados da mesma maneira. Mesmo o fisiologismo médico-científico de Bernard não daria sustentação ao tipo de determinismo-naturalista de Zola nestas frases. A própria noção de *milieu intérieur* aponta para as capacidades regulatórias, que um organismo tem e uma pedra não teria. Mesmo o mecanicismo neural de Benard, revelaria capacidades de organismos com cérebros que os fariam mais sofisticado que outros animais ou plantas que não possuíssem tal órgão. Então, de fato Zola é mais radical em sua visão, que o próprio cientista em que se baseia.

É por causa destes radicalismos que se cria uma dicotomia baseada em uma oposição diametral: determinismo, mecanicismo e meio ambiente, de um lado; do outro, pura liberdade metafísica (sem antecedentes causais), criatividade e indivíduo-sujeito-homem-herói. São estas duas caricaturas viáveis em nosso atual quadro de referências científicas e culturais? Será que estamos aprisionados no mesmo lócus de tensão do fim do século XIX e começo do século XX?

Mas se Julián Marías foi capaz de pinçar as mais radicais passagens de Zola, esqueceu-se de tratar daquelas mais interessantes. Se Zola toma posição como um naturalista crasso, não afirma crassamente a validade da transposição metodológica que opera. De maneira ainda mais impressionante, Zola reconhecerá as fraquezas momentâneas de importar estratégias de um método já um tanto desenvolvido para um, em sua visão, incipientemente estabelecido:

Sans doute, nous sommes loin ici des certitudes de la chimie et même de la physiologie. Nous ne connaissons point encore les réactifs qui décomposent les passions et qui permettent de les analyser. Souvent, dans cette étude, je rappellerai ainsi que le roman expérimental est plus jeune que la médecine expérimentale, laquelle pourtant est à peine née. Mais je n'entends pas constater les résultats acquis, je désire simplement exposer clairement une méthode. Si le romancier expérimental marche encore a tâtons dans la plus obscure et la plus complexe des sciences, cela n'empêche pas cette science d'exister. Il est indéniable que le roman naturaliste, tel que nous le comprenons à cette heure, est une expérience véritable que le romancier fait sur l'homme, en s'aidant de l'observation (ZOLA, 1880, p.8-9)

Para aqueles que conhecem *l'affaire Dreyfus* e a carta-aberta "J'Accuse" não se faz necessária menção à coragem ou, na visão de alguns, a temeridade de Zola. Mas se, claramente, Zola é corajoso em "Le Roman Expérimental", poder-se-ia disputar se taxá-lo de temerário é o caso ou não. Ele entende as motivações e teleologias distantes de seu proposto método mas, também, concebe passos necessários e paulatinos em direção a estes objetivos, momentos de "estase" estratégica da metodologia, etapas a serem cumpridas e a impossibilidade do desenvolvimento exaustivo do método proposto no próprio momento de sua publicação. Ele é capaz de assumir que não só o estatuto epistemológico de uma teoria naturalizada do romance careceria, naquele então, de bases mais sólidas, mas consegue também projetar os passos que levariam a uma maior solidez. Em tempos nos quais setores mais reducionistas da neurociência estabelecem possibilidades de redução de emoções a neuropeptídeos, neurotransmissores e neuroreceptores, como se posicionaria um Zola transportado aos dias atuais? Como faria literatura e preconizaria um método, no atual estado de arte das ciências naturais, o autor que entende que "Nós ainda não sabemos os reagentes que quebram as paixões e permitem as analisar"? É interessante notar que nem mesmo os

atuais defensores de teorias naturalistas da literatura tentam chegar a tal nível de reducionismo em suas análises. Se por um lado, Zola admite não ter as condições de levar às últimas conseqüências o projeto de "naturalização de conteúdos" na literatura, projeta essa possibilidade em um porvir científico mais maduro.

Outro monstro sagrado da literatura tem também referências diretas a Bernard: ninguém menos que Dostoiévski. Em "Os Irmãos Karamazov" (publicado exatamente em 1880 - como *Le Roman Expérimental*), as referências a Claude Bernard são inúmeras e nos mais diversos contextos. Por exemplo, Mytia se refere aos *partisans* do tipo de socialismo defendido por Rakitin como *Bernards*. A associação de materialismo científico, mecanicismo/determinismo ao materialismo dialético é mediada pela irrelevância da alma, já que não é ela a responsável pelo pensar, o ver e o agir, mas sim os "nervos e seus rabinhos" (neurônios e seus dendritos e axônios), que Mytia cita, em terceira. mão, a partir de suas conversas com Rakitin, esse sim, conhecedor da teoria dos nervos vaso-motores de Claude Bernard, apresentada pela primeira vez em 1851 na *Société de Biologie* em Paris (MONTASTRUC, J. L., RASCOL, L., SENARD, J. M., 1996, p.183).

Mytia mal sabe quem é Bernard, mas tem profundo deslumbramento, por um lado e medo, por outro, de seu materialismo e da conseqüente (para Mytia ou Dostoiévski, pelo menos) perda de Deus. Note-se primeiro o deslumbramento:

What do you mean by 'sorry to lose God'?"

"Imagine: inside, in the nerves, in the head -- that is, these nerves are there in the brain... (damn them!) there are sort of little tails, the little tails of those nerves, and as soon as they begin quivering... that is, you see, I look at something with my eyes and then they begin quivering, those little tails... and when they quiver, then an image appears... it doesn't appear at once, but an instant, a second, passes... and then something like a moment appears; that is, not a moment -- devil take the moment! -- but an image; that is, an object, or an action, damn it! That's why I see and then think, because of those tails, not at all because I've got a soul, and that I am some sort of image and likeness. All that is nonsense! Rakitin explained it all to me yesterday, brother, and it simply bowled me over. It's magnificent, Alyosha, this science! A new man's arising- that I understand.... And yet I am sorry to lose God!"

"Well, that's a good thing, anyway," said Alyosha.

"That I am sorry to lose God? It's chemistry, brother, chemistry! There's no help for it, your reverence, you must make way for chemistry.

E depois o desconhecimento de causa:

"Who was Karl Bernard?"

"Karl Bernard?" Alyosha was surprised again.

"No, not Karl. Stay, I made a mistake. Claude Bernard. What was he? Chemist or what?"

"He must be a savant," answered Alyosha; "but I confess I can't tell you much about him, either. I've heard of him as a savant, but what sort I don't know."

"Well, damn him, then! I don't know either," swore Mitya.

"A scoundrel of some sort, most likely. They are all scoundrels" (DOSTOYEVSKY, 2009, pp. 761-762).

As fantásticas passagens de "Os Irmãos Karamazov" mostram a tensão que até hoje temos com o naturalismo: o medo da perda da alma, o medo da perda de Deus, o medo da ferida narcísica (usando-se termos de Freud) representada pela perda da centralidade da condição humana no universo e de sua capacidade "divina" para o *lógos*, o medo da perda do homem como herdeiro do livre-arbítrio, concedido pelo divino, o medo da perda de parâmetros eternos e imutáveis para moral humana. Além disso, no âmbito da literatura, seguem-se, também, a perda da dimensão do Gênio, da liberdade criativa e interpretativa. Dostoiévski consegue amalgamar os diversos sentimentos dúbios em relação à "nova ciência" e a tradição, em emaranhamentos psicológicos múltiplos e complexos: o deslumbramento com o poder e novidade da ciência, por um lado, e o medo da perda da inocência, por outro; a força derrisória da technicalidade científica em relação à "primitividade" teológica; o fetiche do "novo pelo novo" e o desespero da perda do *status quo ante*; a inveja e condenação que visa tresvalorar a força explicativa e a capacidade de implementação da ciência como canalhice e imoralidade.

Os mesmos personagens em estados de humor diferentes perfazem diálogos capazes de colocar essas diversas posições e suas combinações, que talvez pudessem ser pensadas

como tendo o elemento comum de serem formas de fetichização da ciência com suas diversas abordagens e, assim, com variadas consequências psicológicas no estabelecimento da relação. Nada melhor que um conservador e reacionário brilhante para mapear a derrocada da tradição e os prospectos fabulosos e “nefastos” do novo.

Naturalismo e resistências: *Bernards* de ontem e hoje

Em geral, os estudos naturalistas na atual crítica literária estão baseados em seus aspectos bioculturais, evolutivos, adaptativos e exaptativos. O terreno de argumentação é, desta maneira, fundado em formas mais ou menos deterministas e reducionistas de sociobiologia e, principalmente, psicologia evolutiva. Entretanto, Zola, mais radical, parecia já ciente de que não só a “química das paixões” seria parte estrutural do reducionismo naturalista mas, também, da importância de explicações baseadas na relação de hereditariedade, meio e evolução:

Sans me risquer à formuler des lois, j'estime que la question d'hérédité a une grande influence dans les manifestations intellectuelles et passionnelles de l'homme. Je donne aussi une importance considérable au milieu. Il faudrait aborder les théories de Darwin; mais ceci n'est qu'une étude générale sur la méthode expérimentale appliquée au roman, et je me perdrais, si je voulais entrer dans les détails.(ZOLA, 1880, p. 18)

É curioso notar que a questão da relação de evolução, meio ambiente, hereditariedade e psicologia, ponto visto pelo próprio Zola como importante e pouco desenvolvido na sua própria obra metodológica (ainda que explorado em sua obra literária), é a tônica que permeia a obra de vários dos principais autores ligados às atuais teorias evolutivas da literatura (e.g. Jonathan Gottschall, Brian Boyd, Joseph Carroll, David Sloan Wilson, Edward O. Wilson, etc). Estes autores de alguma maneira estão desenvolvendo justamente esta dimensão que nasce da relação entre evolução, meio e psicologia que Zola explora tacitamente e entende que não teria condições técnicas de realizar tal tarefa, teoricamente, a contento.

Mas se há uma complementaridade e continuidade entre os dois projetos, quais seriam então as notas conceituais distintivas deste naturalismo atual fundado em teorias evolutivas da literatura, pautadas por uma aplicação da psicologia evolutiva à literatura e aquele de Zola? Os Estudos evolutivos de Literatura, ao contrário da proposta de Zola em "*Le Roman Expérimental*", não são direcionados a um discurso fundacional de como operar a gênese de novelas e personagens. Também não são voltados a que temas e critérios um autor deve usar para construir uma narrativa. Muito menos preconizam um estilo de linguagem ou narrativa que permitiria ser fiel catalisador dos elementos supracitados. Eles tentam "imiscuir" ciência numa seara muito mais perigosa - **a crítica literária** - eles invadem um domínio que representa uma das últimas "torres de marfim" da produção intelectual acadêmica: o domínio da mais pura liberdade semântica e interpretativa. A Teoria Literária tem se dedicado, no passado recente e no presente, muito mais à recepção, interpretação e ressignificação do que a uma metodologia da construção da narrativa como a preconizada por Zola. Sugerir, defender e alardear métodos naturalistas para a tessitura da escritura literária ficcional, ela mesma, é promover diretivas metodológicas para escritores. Defender um método naturalista para a teoria literária tal como crítica poderia ser visto por alguns como invadir a reserva de mercado dos críticos literários enquanto professores-pesquisadores profissionais. Infelizmente, a interdisciplinaridade é a palavra mais apregoada e a menos praticada. Qualquer mero assinalamento de que um pesquisador terá de sair de seu jargão e zona de conforto e especialização leva a pequenas contrarrevoluções reacionárias. Fazer trabalho interdisciplinar que una, genuinamente, humanidades e ciências biológicas é burlar as cartas de patente de guildas profissionais medievais ou modernas ou, mesmo de maneira mais antiga ou esotérica, os privilégios de organizações de ofícios romanos e o exclusivismo de sociedades secretas. Em um mundo acadêmico contemporâneo e, virtualmente, mercantilizado, as divisões acadêmicas são, mais que tudo, portos seguros para o corporativismo teórico.

Não à toa, no abstract de divulgação de "Evolution and Literary Theory"(CARROLL, 1985) na *cogweb*¹ (talvez o mais radical dos "*Bulldogs* Darwinistas-Literários"), o alvo sistemático de ataque é o pós-estruturalismo:

¹ Repositório e ferramenta de pesquisa da UCLA para estudo da cognição humana na sua relação com comunicação e artes.

This book has two main purposes, one constructive, the other polemical. The constructive purpose is to fashion a theory of literature by integrating evolutionary theory with usable components of traditional literary theory. The polemical purpose is to use the literary theory thus fashioned as a framework within which to analyze and repudiate the poststructuralist theories that currently dominate literary studies. By poststructuralism I mean the whole array of schools and methodologies that have clustered around two central concepts: that words make the world, and that all meaning is self-contradictory. Proponents of these concepts include people like Jacques Derrida, Michel Foucault, and Fredric Jameson. Since this kind of theory is now seeping over into the social sciences, the polemical critique might be of some interest even to those who are not particularly concerned with the problems of literature. (CARROLL, online)

Nota-se pela citação acima de Carroll que a proposta de uma teoria evolutiva da literatura tem como pelo menos uma de suas duas principais motivações uma resposta ao que ele observa como um combalido modelo pós-estruturalista (no que concerne a resultados interpretativos e ganhos de entendimento e conexão com alguma noção de realidade qual seja), mas que, ao mesmo tempo, ele vê como uma galopante epidemia entre as humanas que foi capaz de granjear uma unidade estrutural estratégica entre as “guildas em declínio”. Ele entenderia que o modo interpretativo do pós-estruturalismo (como exercício de uma instância onde o texto é livre de qualquer relação com o mundo e, por si só, auto-contraditório) é a estratégia de criar fossos de jacarés, paliçadas em chamas e contraescarpas na tentativa desesperada de manter a última torre de marfim da “cidadela do verbo” imune aos bárbaros homens de ciência. Para um naturalista radical, isso soa como a mais medieval das estratégias; nada mais revelador da insegurança de uma identidade do que sua autoexclusão do debate extramuros. Postura essa, que soa para alguns como expressão cabal de uma miopia medrosa. Quanto à viabilidade da proposta construtiva de Carroll e outros teóricos de mesma cepa, esperemos pela próxima seção. Entretanto, ela acredita ter para si uma vantagem: em vez de um método monoliticamente arrebanhador que funciona como “doença autoimune” e ao mesmo tempo defesa de mercado (¡todo es igual nada es mejor, el mismo un burro que un gran profesor!²) que se espalha pelas humanidades gerando uma metaguilda dos sem método. Ele

² Letra do tango “Cambalache” de composição de Enrique Santos Discépolo.

pelo menos entrecruza ferramentas de diferentes áreas do conhecimento em busca de algum chão mais sólido: consiliência é a palavra chave.

Mas, até que ponto, seriam válidas as piadas de alguns naturalistas mais empedernidos de que a crítica pós-estruturalista faz análise “derridadaísta” ou, como num teste Roschach, de maneira meramente subjetiva, projeta o que lhe interessa? Certamente, generalizações desta natureza não captam, também, a dinâmica própria que cada qual de tais autores tem como matriz interpretativa.

Continuemos pensando ainda na natureza do conflito entre tais naturalistas e seus pares mais tradicionais. Brian Boyd, outro notório literato imerso no projeto dos estudos evolutivos da literatura, com uma fala político-didática direcionada ao enorme campo de pensadores humanistas seculares, tenta apaziguar o medo e a desconfiança de tais pares e, ao mesmo, tempo mostrar-lhes a importância de seu método:

Unless we revert to myths of divine creation, evolution must be part of any complete account of the human, including human art. Many needlessly fear that evolutionary explanations of the human imply “genetic determinism” and the end to hopes of transforming human lives for the better. If evolution can help explain art — human behavior at its freest and most creative — any fears that it implies determinism or denies culture should be dispelled once and for all. No one was ever “genetically determined” to write or read something as unprecedented as Ulysses (BOYD, 2005, p.147).

Boyd quer, por um lado, unguentar o próprio medo humanista em relação às possíveis chagas, de um contato combativo com os “bárbaros da ciência” suscitado sempre que se menciona qualquer uso de conceitos advindos da ciência biológica. Assim, Brian Boyd nos apresenta esta passagem crucial para apregoar que estudos literários evolutivos não devem ser confundidos com reducionismos “toscos”. Por outro lado, adverte que o descaso com explicações evolutivas representaria a volta a um mundo mítico e teológico, incapaz de lidar com a gênese da condição humana e suas ações, incluindo-se aí a própria arte. Mas fica aqui a pergunta: até que ponto a evolução poderia explicar na sua totalidade os comportamentos atuais de nossa espécie? Essa é certamente uma pergunta difícil para os estudos literários evolutivos.

Todos nós sabemos que como “atores sociais” temos nossos discursos determinados em grande parte pelo contexto de sua emissão. Boyd é certamente um interlocutor de dois mundos: o literário e o biológico. Um literato que saiu de sua zona de conforto e buscou critérios condizentes com nossa condição existencial de organismos linguisticamente hábeis. Assim, a mediatriz propriamente dita de dois pontos diametralmente opostos pode ser alterada por “atratores” contextuais e conjunturais. Quando se faz trabalho de fato interdisciplinar, faz-se necessário mediar conflitos óbvios. Em auditório de pós-modernos ressaltamos a impossibilidade de uma literatura desconexa do fato de que somos organismos com semântica. Em uma conferência de filósofos da ciência eliminativistas ou de cientistas “duros”, discutimos a relevância causal da cultura e de influências multinível. Assim, pensadores como Carroll fazem questão de clarificar para seus colegas humanistas que temem uma postura mais naturalista que não estão defendendo algum tipo de determinismo genético crasso, nem operando sob o signo do descaso com esfera cultural:

There are no pure biological determinists. All evolutionary thinkers in the human sciences are bioculturalists. They are interested in interactions between genetically transmitted characteristics and environmental influences, including social and cultural influences (CARROLL, 2013, p.12).

Mesmo Joseph Carroll, apontado por muitos como o mais agressivo dos “evolutivos” na teoria literária, deixa claro que não está apregoando um determinismo genético *tout court*. Aliás, bem diferente disso, é na interface entre o genético e o ambiental que o interesse fundamental desse tipo de abordagem se encontra. Até pela importância que dão ao meio ambiente, ao *milieu*, não poderiam simplesmente ser deterministas genéticos neste sentido exagerado que parece guiar o espírito reativo de alguns pesquisadores de humanidades que contragolpeiam mais por hábito e temor do que por propriamente entender o projeto dos naturalistas de hoje em dia nas humanas:

Scholars in the humanities should lift the anathema placed on reductionism. Scientists are not conquistadors out to melt the Inca gold. Science is free and the arts are free, and as I argued in the earlier account of mind, the two domains, despite the similarities in their creative spirit, have radically different goals and methods. The key to the exchange between them is not hybridization, not some

unpleasantly self-conscious form of scientific art or artistic science, but reinvigoration of interpretation with the knowledge of science and its proprietary sense of the future. Interpretation is the logical channel of consilient explanation between science and the arts. (WILSON, 1998 p. 230.)

A citação acima de Edward O. Wilson, um biólogo evolutivo altamente interessado em cultura, mostra que tipo de relação poderia enxergar como sendo a tônica fundamental entre arte e ciência: a “consiliência” é o termo chave da possibilidade de relação entre as distintas áreas de saber. Essa coincidência de resultados logrados por cadeias indutivas paralelas e a possível consonância intermétodos constituiriam a possibilidade de tal relacionamento, entre áreas do saber *prima facie* tão distintas como as artes e as ciências biológicas, frutificar em resultados mais sólidos. É necessária uma nova visão de conhecimento onde possamos partir da premissa que o conhecimento não é estanque e que o esfacelamento departamental, historicamente gerado pela especialização, deva ser redimido de suas fronteiras supostamente intransponíveis.

Outro ponto interessante é o de que se entendermos a citação acima em cotejo com a logo anterior, conseguiremos notar que justamente os biólogos mais interessados em colaborar com os literatos naturalistas não são na sua grande maioria, eles mesmos, os reducionistas radicais. Ao contrário, são aqueles que valorizam epigenética, desenvolvimento, e todos os mecanismos biológicos capazes de acomodar a cultura dentro de uma perspectiva biológica.

Mas ainda assim, a mesma citação mostra que existe um termo chave que é pouco entendido: reducionismo. Entender reducionismo de maneira monolítica e acrítica é fonte de grande parte das mazelas no estabelecimento de correlações entre humanidades e ciências biológicas e a física. Não poderei aqui esmiuçar e clarificar todas as possibilidades de desdobramentos semânticos e funcionais do termo “reducionismo”. “Reduccionista” e “reducionismo” se tornaram mais que tudo pechas em um vocabulário de pesquisadores de humanidades. No entanto, qualquer visão materialista ou fisicalista, qualquer visão que tenho algum compromisso com nossa atual cosmovisão secular e bem informada, pressupõe algum tipo de reducionismo. É claro que precisamos nos perguntar por quais são os reducionismo que conseguem se livrar da água suja do banho sem jogar junto a criança e quais perdem os

fenômenos fundamentais que queremos tratar. Para que a esfera cultural não paire no éter dualista da produção da alma, da criação *ex-nihil*, ou do discurso mítico/teológico é necessário pensar que as condições evolutivas tiveram algo a ver com o aparecimento das capacidades humanas de engendrar cultura. Esta é a tônica da citação de Brian Boyd há três páginas atrás. Urge pensar como esses mecanismos biológicos de base possibilitaram o desenvolvimento de esferas semânticas de ordem superior. Essa é a potência ainda não explorada do discurso naturalista na literatura E o discurso evolutivo é apenas parte dele. Outras áreas de sabe além da psicologia evolutiva terão de ser exploradas – como Zola profeticamente previu: as capacidades cerebrais, a natureza fisiológica das paixões, as diferenças entre meios internos e externos, suas possíveis afinações e dissonâncias. E certamente que há muito caminho ainda inexplorado a ser percorrido para que tal tarefa seja cumprida. Assim, podemos concluir que essa postura intelectual que parte da consiliência é muito menos reducionista do que, por exemplo, o próprio naturalismo de um Zola, mas ao mesmo tempo terá de enfrentar justamente os desafios que Zola preconiza para uma ciência do romance futura. Lembrem-se das citações pinçadas por Mariás que revelam o Zola mais radical. A estas ajuntem a última passagem do livro de Zola aqui em questão; Zola concluirá “Le Roman Expérimentale” em tom ferino:

L'homme métaphysique est mort, tout notre terrain se transforme, avec l'homme physiologique. Sans doute la colère d'Achille, l'amour de Didon, resteront des peintures éternellement belles; mais voilà que le besoin nous prend d'analyser la colère et l'amour, et de voir au juste comment fonctionnent ces passions dans l'être humain. Le point de vue est nouveau, il devient expérimental au lieu d'être philosophique. En somme, tout se résume dans ce grand fait: la méthode expérimentale, aussi bien dans les lettres que dans les sciences, est en train de déterminer les phénomènes naturels, individuels et sociaux, dont la métaphysique n'avait donné jusqu'ici que des explications irrationnelles et surnaturelles.(ZOLA, 1880, p. 52-53)

Sem dúvida que a observação se faz necessária para irmos além de explicações sobrenaturais. Entretanto, não existe ciência observacional sem ponto de partida. Há sempre uma “metafísica” que se insurge em qualquer modelo científico por via de seus não observáveis e pontos de partida, de suas assunções e premissas, hipóteses e axiomas. É claro que a boa

ciência é aquela que é capaz de vindicar suas suposições de alguma maneira logicamente coerente e pelo menos em princípio empiricamente viável. Consiliência no sentido original do termo, como consonância entre cadeias indutivas distintas é parte do caminho necessário para uma visão mais integral de conhecimento. Mas, se a consiliência é tratada por alguns como a única saída para a imbricação e interação entre áreas distintas do conhecimento é para outros “**uma barganha com o diabo**”:

Humanities departments do not need to retrench; they need, on the contrary, to colonize. Interdisciplinarity is a bee with a fair amount of buzz in it these days. Humanists keep saying that they want more interdisciplinarity. They're right. Interdisciplinarity is good. But it is only the institutional ratification of disciplinarity. It's premised precisely on the belief that the disciplines represent discrete programs of inquiry, and there is nothing remotely transgressive about it... What humanities departments should want is not interdisciplinarity or postdisciplinarity, and they should definitely not want consilience, which is a bargain with the devil. What they need to do is hunt down the disciplines whose subject matter they covet and bring them down to their own realm. (MENAND, 2005, p. 14)

Até que ponto uma passagem como essa não é uma celebração às avessas do darwinismo literário? Guarda o meu leitor alguma reminiscência de passagens mais acima onde se tratou da questão das guildas e do corporativismo? Da reserva de mercado e das sociedades secretas? Alguma sensação de desespero é notada? Esta passagem de Menand é tida como a mais fina flor do corporativismo humanista por todos os teóricos darwinista da literatura e é citada por cada um deles em pelo menos um artigo como o tipo paradigmático de reação corporativista e desesperada que seus estudos recebem. O autor de “*Metaphysical Club*” parece não notar como suas próprias palavras o traem. Entretanto, melhor e mais precisa resposta até então a tal trecho, encontra-se em um artigo que visa entender a questão das condições para o estabelecimento da interdisciplinaridade de autoria Tanya Augsburg, que interpreta a própria estrutura do vocabulário usado por Menand:

Quite frankly, I find it surprising that a renowned Harvard literature professor would deploy militaristic (“retrench”), imperialistic (“colonize”), predatory (“hunt down”), and even religious (“covet”—as in “Thou Shalt Not Covet”; “bargain with the devil”) language in his call to action against interdisciplinarity. Even more incredible is the fact that his peer reviewers and editor let such baited language

slide. Do desperate times require desperate measures? (AUSGBURG, 2005, pp. 155-156)

Muito sagazmente a autora faz notar traços de militarismo, imperialismo, caráter predatório e religioso na linguagem usada pelo autor. Mesmo eu, bastante cético quanto à possibilidade da psicologia evolutiva ser matriz interpretativa exaustiva para as ações humanas em geral e, especialmente, para a literatura (enquanto atividade criativa e menos limitada por pressões evolutivas e adaptativas), sinto-me provocado a usar a malha conceitual dos darwinistas literários para completar o trabalho de Augsburg sobre o terrificante texto de Menand. Antes de tudo, o vocabulário que evoca o caráter predatório preconizado por Menand nem precisa de muito esforço para ser relacionado a uma possibilidade de interpretação darwinista: é explícito, óbvio, ululante. Ao atacar a noção de consiliência parece que Menand a reafirma: ele parece dar razão àquilo que Carroll chama “Darwinismo literário **vulgar**”, que é capaz de dar explicações simplórias, verdadeiros atalhos interpretativos fundados em uma visão meramente esquemática das categorias evolutivas e nos faz pensar que talvez os adversários de Menand tenham mais razão do que ele imagina: até que ponto toda ação humana não repete processos consistentes com a evolução? Até que ponto não só disputas militares, mas mesmo disputas intelectuais, repetem disputas por comida, território e parceiras? Até que ponto a ação de Menand não pareceria compatível com as respostas de um animal social que já teve proeminência num grupo e começa a usar de quaisquer armas quando se nota ameaçado? Como que dando razão a Gottschall, ele usa de vocabulário militar junto com vocabulário de caça e predação. E junto a isso o vocabulário imperialista. Estaria Menand defendendo algo mais que território? E, claro, para coroar o desespero apela para o anátema da posição alheia, a condenação inquisitória e religiosa da alteridade. Como repetindo os conservadores do século XIX ou a tônica dos poderosos durante a inquisição, na hora que a argumentação contra a ciência parece rarear, a postura de demonização aparece como saída fácil. Certamente não é essa via de estabelecer qualquer contato com a visão alheia. Especialmente, quando parece que o paradigma vigente nas humanidades não é o mais esclarecedor e “anda claudicante”. Mas existem outros senões na psicologia evolutiva que mostram que as ferramentas de área do conhecimento estão longe de serem chaves exaustivas

para muitos comportamentos humanos e que seriam verdadeiros desafios para qualquer estudo literário naturalista, assim como para uma psicologia evolutiva em geral. Apenas um deles será objeto de estudo da próxima seção. É com este e outros pontos que o humanista deve testar a viabilidade de um estudo literário naturalista e não com resistências “desesperadas”. Mas, sim, se estudos literários evolutivos são principalmente fundados em psicologia evolutiva em seu atual estado de desenvolvimento, a desconfiança do humanista (ou de seja lá quem for) da validade de tais explicações é legítima. E, nossa problematização se fará com apenas um dos possíveis pontos entre vários já discutidos na literatura.

Sobre a viabilidade do Projeto (ou “Para além de Picuinhas e para além de Hypes”) - à guisa de conclusão

A consiliência é apregoada como a forma possível de unificar campos de *pesquisa prima facie* desconexos. Edward Wilson em seu livro “Consilience – The Unity of Knowledge” diz que prefere a noção de consiliência a de coerência pela precisão de seu significado resguardada em sua raridade e cita a definição clássica de consiliência de William Whewell, em seu livro de 1840 “*The Philosophy of the Inductive Sciences*”: “The Consilience of Inductions takes place when an Induction, obtained from one class of facts, coincides with an Induction, obtained from another different class. This Consilience is a test of the truth of the Theory in which it occurs.” (WHEWELL *Apud* WILSON, 1998, pp.8,9)

Mas se a consiliência é a possibilidade mesma de juntar aquilo que foi separado pela departamentalização do conhecimento, simplesmente coordenar psicologia evolutiva e literatura não é consiliente o suficiente. A interdisciplinaridade necessária para uma visão mais integral pressupõe maior escopo de saberes.

Alguns conflitos fundamentais da psicologia evolutiva teriam de ser resolvidos para que pesquisadores não só de humanidades, mas de todas as áreas diminuíssem suas resistências em relação a tais estudos na literatura. A própria psicologia evolutiva precisaria ser integrada ao um campo maior de estudos da mente e cérebro e unificada no seu próprio seio.

Tooby e Cosmides (1992) entendem que a psicologia evolutiva poderia ser esquematizada em uma interação em via de mão dupla entre três níveis: problema adaptativo,

programa cognitivo e base neurofisiológica. Um problema adaptativo, uma necessidade de resolução de uma demanda do organismo na sua relação com o meio ambiente é sempre operacionalizada por um programa cognitivo que ao seu turno tem uma base neurofisiológica. Ainda que esta estrutura geral seja interessante, os autores merecem críticas ao menosprezar certo nível de autonomia das respostas humanas fundadas na natureza razoavelmente plástica de nossas estruturas semânticas e no próprio princípio fisiológico de plasticidade cerebral no neocórtex. Se, por um lado, acertam em criticar o que chamam de “modelo padrão das ciências sociais”, enquanto um sistema completamente autônomo de símbolos e valores, erram por, simplesmente, acreditar que a cultura, ainda que nascida de uma base biológica, não possa, em alguns momentos, ir além de determinismo funcional de primeira ordem de módulos fechados. A capacidade de autorreferência ou metalinguagem junto à plasticidade do neocórtex e da exaptação seriam capazes de gerar capacidades de ordens superiores. O modelo do “canivete suíço” (PINKER, 1994), nome popular para a visão plenamente modularista das capacidades humanas (especialização de módulos) de processar informação, parece perder em seu escopo mais limitado, justamente, esta força de readaptação e refuncionalização que a plasticidade permite e que a autorreferência linguística potencializa ainda mais. O neocórtex, com seu tecido um tanto plástico, parece ser evidência suficiente para questionar a modularidade extrema. Desde Ernst Mayr (1976, p. 23), uma diferenciação entre sistemas adaptativos fechados e abertos já existe. Aliás, os próprios Joseph Carroll (2012) and Brian Boyd(2012) reconhecem essa questão e vem tentando trabalhar no sentido de acomodar essa plasticidade e refuncionalização aos seus estudos, seguindo intuições de David Sloan Wilson e Edward Wilson. Entretanto, essas parecem respostas ainda parciais. Jaak Panksepp e Jules B. Panksepp no seu seminal artigo “The Seven Sins of Evolutionary Psychology” (parecem entender que a psicologia evolutiva ainda teria de lidar com outros temas mal resolvidos. Se bem os Literatos Darwinistas parecem estar de olho aberto para tais problemas, caminhariam na resolução de um dos pecados capitais da psicologia evolutiva: o pecado da “modularidade massiva” e talvez parcialmente o “pecado do adaptacionismo”. Mas vale a pergunta: se mesmo os especialistas em Psicologia Evolutiva e Neurociência parecem estar ainda disputando premissas fundamentais da compreensão das capacidades humanas de processar informação, será que

existe um terreno minimamente sólido para uma crítica literária com base em uma psicologia evolutiva? Qual psicologia evolutiva? E quão válida ela é? Atacarei apenas um dos “setes pecados”³ da psicologia evolutiva para mostrar que tal chão ainda precisa ser conquistado. Mas, certamente, este é um ponto central para toda nosso debate: a plasticidade do córtex e da linguagem no cérebro humano. Os Panksepp tocam neste ponto fundamental da seguinte maneira:

Although there is substantial neuro–evolutionary evidence for the emergence of certain special abilities such as language (DEACON 1997; PINKER 1997), we still do not know with any assurance that such uniquely human abilities emerged from de novo genetic shaping of cognitive structures or from the re-molding of preexisting adaptations (i.e., exaptations). It is certainly possible that language emerged within a spandrel of evolving multimodal brain complexities selected to generate internal imagery necessary for reflective consciousness, rather than being a deeply ingrained adaptation that emerged from evolutionary sculpting of the fine details in cortico–communicative neural circuits (GOULD 1991). The availability of extra general-purpose ‘computational space’ in the cortex may have been sufficient to allow language to ‘emerge’ without the guidance of specific evolutionary selective pressure (PANKSEPP e PANKSEPP, 2000, p. 111).

Para podermos pensar a gênese da capacidade narrativa mais em geral e especificamente do Romance teremos de tratar da questão da própria gênese da linguagem. Algumas perguntas difíceis, que não pretendo responder exaustivamente mas, que podem servir de balizas para o nosso debate, fazem-se prementes: de que forma a linguagem condiciona as possibilidades dessa máquina que é o cérebro humano? De que maneira nossa linguagem apareceu com base na estrutura do nosso cérebro e de que modo ela gerou efeitos no próprio cérebro? Como um primeiro estabelecimento de princípios para a busca de tal debate, analisemos esta passagem de Ernst Mayr que alumia a relações entre linguagem e mente a partir de um ponto de vista coevolutivo:

A mente humana parece ter sido o produto último de uma concatenação de numerosas miniemergências em ambos nossos ancestrais primatas e homínídeos. Não houve simplesmente uma emergência instantânea. Um

³ Os Panksepp se utilizam de um mais de um termo “religioso” em seu vocabulário. Entretanto, entendo que diferente de Menand, a ideia é um grande “chiste” proposital e consciente e não uma reação desesperada em forma de um jorro de atos falhos em série como no caso de Menand.

produto de um sistema nervoso central inacreditavelmente complexo, a mente surgiu muito gradualmente, entretanto em proporções altamente desiguais em estágios diferentes. O período no qual a linguagem evoluiu, permitindo tanto comunicação melhorada e a evolução da cultura, foi certamente um período de emergência grandemente acelerada da mente (MAYR, 1997, p. 241).

Antes de uma apreciação da bela passagem de Mayr, permito-me uma crítica a seu texto. A mente não é apenas “um produto de um sistema nervoso central inacreditavelmente complexo”. Certamente que o sistema nervoso central é fundamental no entendimento das capacidades mentais. Entretanto, devemos lembrar que é partir das relações do sistema nervoso central com um sistema nervoso periférico, ou seja, nossos feixes nervosos espalhados por todo o corpo e suas interfaces com um meio ambiente complexo, que temos uma mente. E, para entendermos essa relação, temos de considerar que quando falamos da interação de ser humano e meio ambiente, temos de pensar nas manifestações de culturas. Tenho certeza que Mayr concordaria com minha objeção, enquanto um biólogo que foi extremamente atento à ecologia e à sua importância na consideração das relações dos organismos com seus meio circundantes e sabedor da influência da cultura na vida humana. O comentário aqui tecido é apenas direcionado àquele leitor pouco familiar com a obra de Mayr, que pudesse estranhar uma redução da mente a uma produção do sistema nervoso central. Mas, pensemos em todo o resto da rica citação de Mayr. Primeiro, a mente é vista com uma concatenação de miniemergências, não só em homínídeos, mas mesmo em primatas. A mente não é vista, assim, como uma exclusividade do homem. Mas a mente humana, com sua capacidade sintática e semântica muito mais complexa, tem capacidades diferenciais em relação à mente de outros animais. Mayr, ainda na mesma página, ressalta que linguagem no sentido forte é exclusividade da mente humana. Outro ponto importante a ser notado é que certo desenvolvimento do sistema nervoso central e pressões seletivas são elementos importantes no aparecimento da linguagem. Esta, por sua vez, impulsionaria a emergência acelerada da mente. Isto se daria não só por uma melhoria crucial na comunicação, mas pelo próprio desenvolvimento cultural da espécie.

Depois desse primeiro entendimento coevolutivo de Mayr, como poderíamos responder a autores céticos em relação à evolução da linguagem através da seleção natural como Noam

Chomsky e Stephen Jay Gould? A estratégia que proponho é apenas de entender a relação possível entre o aparecimento da linguagem e de nossas capacidades cognitivas mais arregimentadas sintática e semanticamente e sua relação com a evolução. Considerarei sucintamente na minha resposta apenas uma diminuta parte da bibliografia mais pertinente na área. Para encurtar o caminho, colocarei o problema inicialmente seguindo uma orientação do subcapítulo “Chomsky *contra* Darwin: Four Episodes” do livro de Dennett “Darwin's Dangerous Idea”. Mas, responderei ao problema por via bastante distinta da proposta por este autor. Assim, para iniciarmos o debate, vamos a uma afirmação de Noam Chomsky que sumariza de maneira bastante condensada sua posição antiselecionista: “No caso de tais sistemas como linguagem ou asas, não é fácil sequer imaginar um curso de seleção que pudesse fazê-los aparecer” (CHOMSKY, 1988, p. 167 apud DENNETT, 1995, 384). Quando Noam Chomsky relaciona a linguagem a asas no seu exemplo, ele tem um objetivo inequívoco de entender a linguagem como impossível de ser gerada pela visão padrão meramente selecionista. Ao alinhar asas e linguagem no mesmo exemplo, ele quer dizer que a linguagem é fruto de um processo exaptativo como seriam as asas das aves. Assim como as penas apresentaram a vantagem adaptativa primeira de servir para o isolamento térmico e depois constituíram as asas que permitiram outras vantagens adaptativas, o mesmo teria acontecido com a linguagem. Chomsky, o primeiro a defender esta posição, é substancialmente apoiado por Gould:

Sim, o cérebro humano tornou-se grande por seleção natural. Mas como um resultado desse tamanho, e da densidade neural e conectividade assim compartilhada, cérebros humanos poderiam realizar uma imensa gama de funções um tanto não relacionadas às razões para o crescimento a granel. O cérebro não se tornou grande para que então nós pudéssemos ler, escrever ou fazer aritmética ou mapear as estações - contudo a cultura, como a conhecemos, depende dessa habilidades. (...) Os universais da linguagem são tão diferentes de qualquer outra coisa na natureza e tão peculiares em sua estrutura que a origem como consequência colateral da capacidade cerebral aumentada e ao invés de um simples avanço em continuidade a partir dos grunhidos e gestos parece ser indicada. (Esse argumento sobre a linguagem não é de forma nenhuma original comigo, entretanto eu me alinho completamente com ele; esta linha de raciocínio segue-se diretamente de uma leitura evolutiva da teoria de Noam Chomsky da gramática universal) (GOULD, 1989b p.14 Apud DENNETT, p. 390).

Uma primeira resposta inspirada em Dennett poderia esvaziar a questão: exaptações são adaptações. Mas isso perderia a especificidade do debate. Tentemos, então, entender a hipótese de Chomsky respaldada por Gould. A hipótese, que parece desafiar a visão tradicional do selecionismo, está fundada na ideia de que a linguagem não é simplesmente um fruto de evolução, mas um efeito colateral, um subproduto da evolução. Nosso cérebro teria evoluído no sentido de dar conta de demandas evolutivas distintas das quais ele hoje em dia dá conta. Não é falsa essa ideia, mas até que ponto poderíamos conjugar os dois processos para uma explicação mais completa de nossas atuais capacidades linguísticas e cognitivas em geral? Sabemos que Steven Pinker e seu colega Bloom (PINKER E BLOOM, 1990; PINKER 1997) são grandes críticos dessa posição e defendem uma visão selecionista. Eles defendem que a visão selecionista é mais que suficiente para explicar o aparecimento da linguagem. Como resolver esta querela?

Apenas esboçada devido a limitações de espaço, minha resposta a esse enorme debate é a de que a linguagem não é uma estrutura monolítica advinda de apenas um processo natural, mas que ela é fruto da combinação de processos naturais que geram uma miríade de habilidades. A linguagem seria um processo gerado por seleção natural e exaptação. Notamos que uma série de estruturas racionais com bases linguísticas relativas à memória, cálculo prático e estratégia são encontradas não só em primatas como até em vertebrados não-mamíferos. Como explicar que estas estruturas tenham se desenvolvido e chegado a um nível diferenciado na linguagem complexa tal qual esta que só observamos em seres humanos? A conjugação entre exaptação e seleção natural poderia explicar melhor esse processo. Estudos evolutivos e etológicos não negam nem afirmam cabalmente o modelo exaptativo de Chomsky e Gould. Nem refutam, completamente, por sua vez, um modelo por excelência selecionista como o de Pinker e Bloom. Ainda precisamos de mais produção de evidência empírica para chegar a uma conclusão mais clara. E, também, de malhas conceituais mais bem precisamente tramadas. Mas, talvez, uma teoria que tome em conta a conjugação da seleção natural com a exaptação pudesse gerar uma síntese teórica mais abrangente e capaz de explicar fatores específicos do aparecimento da linguagem e de suas propriedades de maneira mais eficaz. Minha hipótese é a de que primeiro teríamos um processo de seleção natural que gerou um

cérebro com seu tamanho e complexidade. Estas capacidades foram exaptadas e começaram ser usadas para outros fins que não aqueles que fizeram com que tais mutações apresentassem vantagens adaptativas, em um primeiro momento. Essas capacidades exaptadas geraram novas vantagens adaptativas que foram novamente selecionadas. Entendo que não apresento mais que uma conjectura aqui. Entretanto ela é logicamente viável e pode ser explorada pelos cientistas que se interessem pelo assunto. De qualquer forma, minha hipótese, que parece estar de acordo com visão integrativa dos Panksepp, e se oferece como um meio termo consiliente e viável entre “selecionistas” e “exaptativos” mostra, no mínimo, que ainda temos que operar grandes sínteses para atingir um alicerce mais sólido capaz de apenas tangenciar algum entendimento da própria possibilidade do que seja a gênese da linguagem, que dirá de todas as suas possibilidades de ação.

A consiliência, a ser construída para viabilizar uma teoria como a preconizada pelos estudos literários de base naturalista, teria de ser conquistada, justamente, em esferas de saber que vão muito além da mera psicologia evolutiva, seja ela mais ou menos modular ou generalista. É essa interação de módulos e de tecidos multifuncionais do neocórtex que precisa ser explorada. Certamente, os diversos ramos das neurociências, em seus diversos níveis de investigação causal, as várias áreas das ciências biológicas do nível molecular ao populacional, as várias vertentes da psicologia experimental e as formas de ciências humanas aptas a diálogos consilientes terão de ser incluídos nesta pesquisa⁴. Isto não desabona por completo os estudos literários evolutivos, que merecem o nosso respeito enquanto uma tentativa de ir além de uma zona de conforto departamental. Eles são uma brava tentativa de ir além de um modelo humanista desgastado que, ao defender uma pura liberdade semântica na construção cultural, recai em formas mais ou menos caudatárias de dualismos velhos ou renovados. Entretanto, basta escolher um ponto nevrálgico do debate – a gênese (do conjunto) da(s) capacidade(s) humanas para a linguagem - para se notar a necessidade de uma consiliência muito maior.

⁴ Por exemplo, estudos capitaneados por Raymond Mar, Demis Hassabis, Nathan Spreng, e colegas (não citados por nenhum dos literatos evolutivos) mostram alguns tipos de abordagens diretas da competência literária pela via da neurociência e da psicologia experimental que pode ser futurosos.

Referências bibliográficas

AUGSBURG, Tanya. Uncertain Paths for Interdisciplinary Studies Programs and their Faculties: Critical Stakes to Claim. **Issues in Integrative Studies**. No. 24, pp. 150-158, 2006.

BERNARD, Claude. **Introduction à l'étude de la médecine expérimentale**
http://fr.wikisource.org/wiki/Livre:Bernard__Introduction_à_l'étude_de_la_médecine_expérimentale,_Baillièrè,_1865.djvu?uselang=fr

BOYD, Brian. Evolutionary Theories of Art. In: GOTTSCHALL, Jonatham e WILSON, David, S. **The Literary Animal: Evolution and the Nature of narrative**. Northwestern University Press, 2005.

_____. For Evocriticism: Minds Shaped to Be Reshaped. **Critical Inquiry**,

Vol. 38, No. 2 (Winter 2012), pp. 394-404.

CARROLL, Joseph. **Evolution and Literary Theory**. Columbia: University of Missouri Press, 1995.

_____. Abstract to Evolution and Literary Theory. at the cogweb.

http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Carroll_95.html

_____. An Open Letter to Jonathan Kramnick. **Critical Inquiry**, Vol. 38, No. 2 (Winter 2012), pp. 405-410.

_____. A Rationale for evolutionary Studies of Literature. **Scientific Study of Literature**, 3:1, 8-15, 2013.

COSMIDES, Leda e TOOBY, John. **The Adapted Mind: Evolutionary Psychology and the Generation of Culture**, New York: Oxford University Press, 1992.

DENNETT, Daniel, C. **Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life**. New York: Simon & Schuster, 1995.

DOSTOYEVSKY, Fyodor. **The Brothers Karamazov**. New York: The Lowell Press, 2009.
http://www.gutenberg.org/files/28054/28054.pdf.pdf?session_id=0offo2eefcboc9304eaeaf54e2ob92od88b9dcof

MAYR, Ernst "The Evolution of Living Systems," **Evolution and the Diversity of Life: Selected Essays**. Cambridge: Mass., 1976.

_____ **This is biology: the science of the living world**. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1997.

MENAND, Louis. (2005). "Dangers within and without". *Profession* 2005, 10-17.

MONTASTRUC, J. L., RASCOL, L., SENARD, J. M. The discovery of vasomotor nerves. **Clinical Autonomic Research**. June 1996, Volume 6, Issue 3, pp 183-187

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. Madrid: Ediciones Catedra-Letras Hispánicas, Tercera Edición, 1995.

PANKSEPP, Jaak e PANKSEPP, Jules. *Evolution and Cognition*, Vol. 6, No. 2, 2000.

PINKER, Steven. **The Language Instinct: The New Science of Language and Mind**. New York: William Morrow, 1994.

_____ Evolutionary Biology and the Evolution of Language. In: **The Inheritance and Innateness of Grammars**. Myrna Gopnik, ed. Pp. 181-208. New York: Oxford University Press, 1997.

PINKER, Steven and BLOOM, Paul 1990. Natural Language and Natural Selection. **The Behavioral and Brain Sciences** 13(4):707-727.

TOOBY, John; COSMIDES, Leda. The Psychological Foundations of Culture In: BARKOW, WILSON, Edward O., **Consilience: The unity of Knowledge**. New York: Alfred A. Knopf, 1998.

ZOLA, Émile. **Le Roman Expérimental**
<https://archive.org/details/leromanexprimeno1zolagoog>

_____ J'accuse...! <http://fr.wikisource.org/wiki/J'accuse...!>

¹ **Gabriel MOGRABI, Prof. Doutor**
Universidade Federal do Mato Grosso
Departamento de Filosofia
gabriel.mograbi@gmail.com

Recebido em 18/11/2014
Aprovado em 12/12/2014